

'AS ACADÊMICAS'

IMPRESSO

INFORMATIVO CULTURAL

dezembro/2017 – Ano 19 - Nº239

Editora: Regina Menezes Loureiro

EDITORIAL

Vida que te quero viva!

Minha mãe! Linda aos 103 anos.

Em seu mundo parece estar a sonhar.

Faces rosadas, pele macia, cabelos brancos, feições tranquilas.

Vejam! Até parece sorrir!

Mas a minha mãe não anda mais!

Suporto a dor!

Criei um espaço em mim e deixei entrar a Luz.

Alimentei esta Luz Divina que existe em nossas vidas e com fervor aceitei tudo com Amor.

Minha mãe não fala mais!

Mas em nossas conversas com o Pai eu falo do nosso amor, deste intenso, vivo, ardente amor que nos alimenta vivas e existiu desde o sempre.

Amor de Deus, ao próximo, amor de mãe e filha.

Eu não me esqueço de dizer:

- Como o Pai me amou, amo você assim mesmo: calada, olhos que nem mais me enxergam, imóvel em sua cama como se fosse a minha boneca.

Se converso, lembro tempos passados, ela aperta minha mão, às vezes abre os olhos. Será que me reconhece?

Nestes momentos, tenho a certeza que está feliz com a minha presença.

- Sua bênção mãe?

- Deus abençoe!

Então a minha felicidade é plena. Vejo a Luz brilhar em nosso caminho aqui na Terra.

E peço a Deus que nos abençoe e reserve um bom lugar para nós, um lugar que será nosso novo lar e juntas continuaremos felizes.

Feliz 2018!

Regina

Há mulheres que parecem anjos e homens que lembram deuses.

Humberto Del Maestro

Remete: Regina M. Loureiro

R.Chafic Murad,54/702, Bento Ferreira, Vitória, ES Cep. 29050-

660 Tel.27)3207-2562/99224-2386

reginamenezesloureiro@gmail.com

www.reginaloureiro.com

É em dezembro que nos damos conta que devemos ser felizes, ficando bem mais gentis, mentalizando boas vibrações, com vontade de sair por aí abraçando todo mundo, mas ser feliz em dezembro tem exatamente o mesmo peso de ser feliz em agosto ou em qualquer outro mês, vista que a felicidade não está no calendário, e, sim, no que fazemos ao longo dele.

Cosme Custódio em seu editorial publicado no Informativo O GARIMPO

"O Menino Deus, envolto nas vestes paupérrimas de sua mãe, sentou-se sobre um trono de corações aflitos e almas famintas, e com sua humildade arrancou o cetro do poder das mãos de Júpiter, e o deu ao pobre pastor que vigiava seu rebanho.

E de Minerva, ele tomou a Sabedoria e depositou-a no coração de um pobre pescador que remendava sua rede.

De Apolo extraiu a Alegria através de suas próprias tristezas e concedeu-a aos desgraçados mendigos da beira da estrada".

Kahlil Gibran em A VOZ DO MESTRE

ESTRELAS

Falou-me alguém um dia, ternamente, indagando o destino das estrelas.

Eu fiquei mudo, no alto céu a vê-las, E, absorto, refleti continuamente.

Como se fosse namorado delas, horas a fio, insistentemente, interroguei-as, com olhar fremente, quais eram seus destinos, que são elas?

Nada disseram, no seu garbo e a flux, indiferentes, luminosas, calmas, lá ficaram, na glória que alumia...

Cantando no alto os seus poemas de luz quem sabe se as estrelas não são almas de poetas tristes que viveram um dia?!

Lauro Carvalho, poeta capixaba do fim do século.

Estamos mesmo animados!

LIVRO VOA é uma festa!

É uma biblioteca diferente!

Lá na Praça do Cauê você até pode ver!

Suzi e Sônia Barreto trabalharam pra valer!

Andra e Sônia Rossetto fizeram tudo por lazer.

FAÇA O LIVRO VOAR PARA SUAS MÃOS!

Deus fez o sol para acordar o escuro, e ela o canteiro onde aquece a aurora. Berredo de Menezes

TROVAS

Eu e você em Peracanga
Com o céu tão estrelado
vejo o mundo que balanga
em um mar encapelado.

O que pensa criatura
que até o olhar seu, esconde?
Nesta vida de ternura
o que mais se quer? Responda.

Logo o Natal passará.
humanidade feliz
com muita fé cantará
Aleluia, lá na matriz.

Estou mesmo muito velha
Devo mesmo é parar,
troco nomes de amigos
começo até vacilar.

Para o meu amigo Humberto
mestre em Haicai, e da trova
perdão em livro aberto
para a trovadora nova.

Regina Menezes Loureiro

JÁ NÃO SEI CANTAR

Ah! Eu cantava, eu cantava tanto!
Desde o raiar do dia ao entardecer...
Como pássaros que entoam o seu canto,
Saudando o sol, num novo amanhecer.

Mas, à tardinha, eu me quedava em cismas,
Minha alma em comunhão com o fim do dia.
Em meu peito, brotavam então rimas,
Os versos de amor que eu te oferecia.

Mas um dia, minh'alma escureceu,
Quando a vida apagou o olhar...

Na garganta, o meu canto emudeceu...
Pássaro triste, já não sei cantar.

*Beatriz Monjardim Faria Rabelo, em FLORADAS
DE INVERNO.*

"A língua é um músculo chato, muito móvel, com uma ponta presa e outra solta. E aí que está precisamente o grande mal da humanidade; se a língua tivesse as duas pontas presas, quantos males se não evitariam, no gênero humano? Mas é tão radicado ao homem o ter a língua com uma das pontas soltas, que, quando a natureza opera o prodígio de fazer nascer alguém com a língua presa, logo corre o pai da criança ao médico mais próximo, a fim de que este corte o freio à língua do inocente. Donde se tira e conclui que a língua, para não ser o flagelo que é, devera ter sempre as duas pontas presas ou as duas pontas soltas".

Mendes Fradique, em MÉTODO CONFUSO.

FELIZ ANO NOVO

Tudo de bom:
desejamos
uns aos outros.
E muito amor
e muita paz!
Boa companhia
rimando com alegria,
e o otimismo
vencendo a solidão!
Que o 2018 seja
o melhor de todos
até agora para você!

Teresinka Pereira

Deserto é o meu limite de
[esquecer,
sempre encalhando um por-do-sol
[no olhar.
Deserto é o cais onde a saudade
[encalha,
como um tempo cansado de ouvir
[sonhos.
Deserto é o por-do-sol de minhas
[tardes,
envelhecendo o que sobrou de
[mim.
Deserto é ser como eu, pasto do
[luar,
nas asas do meu sonho já sem
[eco.
Desertos somos nós, filhos da luz,
somando tempo de encalhar no
[escuro.

*Berredo de Menezes em FLAUTA
DO AZUL, em memória.*

Nunca mais me humilharei...
De teu amor desisti.
Podes ir, não chorarei:
hei de ser feliz aqui.

Ontem meus olhos te olharam...
Sorriram... Me apaixonei...
Porém, hoje, os dois choraram
Ao verem que me enganei.

Passas por mim, requebrando,
sorrindo, marca presença.
Atrás – discreto- e te olhando,
vou fingindo indiferença.

*Matusalém Dias de Moura em
CANTIGAS DE FIM DE
TARDE.*

**"Barra do Rio Doce",
Rubem Braga, 1949**

I
O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II
Entre estatais
E multinacionais,
Quanto ais!

III
A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

IV
Quantas toneladas
exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas
disfarçamos
Sem berro?

De tanto ver triunfar
as nulidades, de
tanto ver prosperar a
desonra, de tanto ver
crescer a injustiça, de
tanto ver
agigantarem-se os
poderes nas mãos dos
maus, o homem
chega a desanimar
da virtude, a rir-se
da honra, e ter
vergonha de ser
honesto.

*Rui Barbosa
UMA*

**COLABORAÇÃO DE
LITERART – SP
COM OS NOSSOS
AGRADECIMENTOS**

As cores vibrantes
das dores da vida,
[fortes,
Marcam despedidas.

Seu jeito de olhar
de profundidade do mar
anima o querer.

*Maria Filina Sales de Sá
de Miranda- Vitória - ES*